

ACHO QUE É UMA GRIPEZINHA: CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICAS COMO PISTAS DE ATITUDES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Raquel Meister Ko. FREITAG¹
Paloma Batista CARDOSO²
Bruno Felipe Marques PINHEIRO³

Resumo

Neste texto, discorremos sobre o uso dos diminutivos *gripezinha* e *resfriadinho*, bem como o uso do modalizador epistêmico *acho que* como pistas de atitudes e julgamentos de brasileiros sobre a pandemia causada pelo coronavírus. Por meio da análise da sua constituição e do uso, demonstramos como estas construções linguísticas indicam sentidos, atitudes e posições distintas decorrentes da sua polissemia intrínseca à língua, e como a ambiguidade gerada por estes itens linguísticos é utilizada intencionalmente para construir uma posição de descomprometimento perante a crise causada pelo COVID-19 no Brasil.

Palavras-chave: Modalização epistêmica; Diminutivos; Atitudes; COVID-19.

Abstract

In this article, we discuss the use of “gripezinha” and “resfriadinho”; as well as the use of the epistemic modal “acho que” as clues to attitudes and judgments of brazilians about the pandemic caused by the coronavirus. Through the analysis of its constitution and use, we demonstrate how these linguistics constructions indicate different meanings, attitudes, and positions resulting from its intrinsic to the language polysemy, and how this ambiguity generated by these linguistics items is used intentionally to build a position of non-commitment to the crisis caused by COVID-19 in Brazil.

Keywords: Epistemic modality; Diminutives; Attitudes; COVID-19.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: rkofreitag@uol.com.br

² Mestranda em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: paloma-batistacardoso@hotmail.com

³ Mestrando em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: bpinnheiro@hotmail.com

Introdução

Em 12 de dezembro de 2019, em Whan, na província de Hubei, China, iniciou-se um surto viral que atingiu 50 pessoas. Imediatamente, a cidade notificou a Organização Mundial da Saúde (OMS) acerca de uma “pneumonia de origem desconhecida”. Em 11 de janeiro de 2020, a primeira morte foi registrada por essa doença: a de um homem de 65 anos.

A pneumonia desconhecida foi denominada “Doença Respiratória de 2019-nCoV” causada pelo vírus SARS-CoV-2; uma das sete espécies de coronavírus que pode infectar os humanos. O SARS-CoV-2 pertence a família Sars-Cov, agente da Sars (síndrome respiratória aguda).

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS considerou o surto como emergência internacional. Em 31 de março, a OMS declarou que o mundo vivia a pandemia do COVID-19. De acordo com os relatórios da OMS (2020), até 14 de junho de 2020 o mundo se aproxima de 8 milhões de casos confirmados e chegando a 400 mil mortes.

No Brasil, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso em 25 de fevereiro: um homem de 61 anos, que veio da Itália para São Paulo. Entre fevereiro e maio, o número de casos no país aumentou exponencialmente, bem como o registro de mortes causadas por problemas respiratórios. Em 14 de junho, o jornal O Globo noticiou⁴ o ranking divulgado pela universidade John Hopkins, segundo o qual o Brasil havia se tornado o segundo país com maior número de mortes provocadas pelo coronavírus, ultrapassando o Reino Unido e ficando atrás somente dos Estados Unidos.

Em um cenário de crise sanitária em que há milhares de mortos em diversos países pelo mundo, espera-se que as autoridades competentes se posicionem de modo a conduzir ações que visem abrandar, na medida do possível, os impactos da pandemia sobre a população. Como ainda não há vacina ou remédio específico para tratar a doença, a OMS recomenda que as pessoas evitem aglomerações a fim de impedir que o vírus se espalhe e, conseqüentemente, o número de infecções e mortes aumente. Um estudo realizado na China (COWLING *et al.*, 2020) indicou que a adoção de medidas de distanciamento social – fechamento do comércio, escolas, universidades e templos religiosos – inibe significativamente a transmissão da doença causada pelo SARS-CoV2.

⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/brasil-tem-867882-casos-de-covid-19-43389-obitos-mostra-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-no-boletim-das-20h-1-24479529>

Seguindo as recomendações da OMS, diversos países têm aplicado ações de isolamento social ou completo *lockdown*, medida em que a circulação de pessoas é restringida e monitorada por agentes de segurança. Apesar da OMS sinalizar que, no momento, o isolamento social é uma medida importante para que vidas sejam salvas, suas recomendações não têm recebido a devida credibilidade.

Em pronunciamento realizado em 24 de março de 2020⁵, o presidente Jair Bolsonaro criticou as medidas de isolamento social e as iniciativas dos Estados e Municípios frente à pandemia, chegando a utilizar o diminutivo *gripezinha* e *resfriadinho* (Figura 1) para se referir à doença causada pelo COVID-19.



Figura 1: Manchete sobre o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro
Fonte: (OLIVEIRA, 2020, p. 1).

O pronunciamento de Bolsonaro gerou atitudes polarizadas na comunidade brasileira. No Twitter, as *hashtags* #BolsonaroGenocida e #ForaBolsonaro ficaram entre os assuntos mais comentados no Brasil. Em contrapartida, apoiadores do presidente conseguiram subir a *hashtag* #BolsonaroTemRazão em concordância com o presidente, junto a comentários como “Falou exatamente o que eu tinha para ser feito” e “Me orgulho do meu voto”.

Apesar do posicionamento assumido pelo presidente da República, outras autoridades têm tomado medidas com o objetivo de prevenir que o SARS-CoV2 se espalhe ainda mais. Em março, o juiz da Vara de Execuções Penais (VEP) do Rio de Janeiro tomou medidas para diminuir a circulação de pessoas nas unidades prisionais (Figura 2): concedeu liberdade aos detentos que trabalham fora e proibiu visitas.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kk5quelVofY>

Coronavírus: 'Não acho que existe risco de rebelião', diz juiz da VEP sobre proibição de visitas em presídios do Rio

Figura 2: manchete sobre a opinião do juiz da VEP
Fonte: (CASTRO, 2020, p. 1).

As ações, mas principalmente a fala do juiz da VEP⁶, oferecem indícios das suas crenças e atitudes: para ele, a alteração do regime dos detentos é importante e, por isso, não causará alterações no comportamento dessa população nem proporcionará episódios violentos.

A expressão de crenças e avaliações é gramaticalizada na língua à medida que elas influenciam o ambiente social das pessoas, o que significa dizer que existem componentes da gramática, com regras sistemáticas, que codificam as intenções de falante, em termos de crenças e atitudes, expressando julgamentos e juízos de valor sobre determinadas situações sociais. Ao caracterizar a crise causada pelo COVID-19 como *resfriadinho* e *gripezinha* ou fazer observações como *não acho que existe risco de rebelião*, são expressos julgamentos e posicionamentos que têm implicações sobre toda a sociedade.

No campo da Psicologia Social, atitude se refere a uma espécie de predisposição para a ação. Mais especificamente, a atitude “é uma tendência psicológica expressa pela avaliação de uma entidade em particular com algum grau de favor ou desfavor” (CHAIKEN, WOOD, EAGLY, 1996, p. 269): “é a posição que você assume frente ao mundo que o cerca” (NEIVA; MAURO, 2011, p. 171).

De modo geral, atitude diz respeito ao modo ou maneira como pensamos e agimos em relação a qualquer acontecimento no meio social. Esse conceito pode se referir a um estado mental e neurológico organizado a partir das nossas experiências, que influenciam diretamente nossas respostas frente a acontecimentos (ALLPORT, 1935). Além disso, atitude pode se referir a um afeto pró ou contra um objeto social (TRUNSTONE, 1931); como também a respostas implícitas que geram impulsos

⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/coronavirus-nao-acho-que-existe-risco-de-rebeliao-diz-juiz-da-vep-sobre-proibicao-de-visitas-em-presidios-do-rio-24318680>

(DOOB, 1947). Assim, atitude “é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78).

Três componentes são intrínsecos à atitude: cognitivo, afetivo e comportamental. O componente cognitivo diz respeito às crenças, que são moldadas a partir de experiências em determinado contexto histórico e social. O afetivo, por sua vez, se refere às emoções suscitadas por um dado objeto social; já o componente comportamental engloba as reações e ações executadas pelo indivíduo (LAMBERT; LAMBERT, 1972).

A externalização das crenças e atitudes, por meio de julgamentos e juízos de valor, ocorre pelo uso da língua. Ao escolher manipular a palavra como diminutivo, em *gripezinha* e *resfriadinho*, ou ao incluir no escopo oracional um modalizador como *não acho que existe risco de rebelião*, o presidente da República e o juiz da VEP demarcam posicionamentos e julgamentos executados a partir de uma posição específica, em determinado contexto histórico e social. Os usos de *gripezinha* e *acho que* indicam posicionamentos e julgamentos das autoridades: a crise provocada pelo coronavírus não causará nenhum dano à população e, por isso, não é necessário que se tome qualquer medida para lidar com possíveis consequências violentas.

O desvelamento do funcionamento do sistema linguístico permite entender como a escolha de recursos gramaticais sinalizam atitudes, pistas de crenças e atitudes subjacentes a uma consciência coletiva à medida que em um contexto de polissemia uma mesma construção linguística atende a diferentes significados. Em tempos de pandemia, questiona-se a relevância das ciências humanas em geral, e dos estudos linguísticos em particular como área estratégica para a formação crítica do cidadão; neste artigo, provemos subsídios para os programas de ensino de língua materna, para a prática de análise linguística e gramatical para o desvelamento de intencionalidades, formação do leitor crítico e combate às *fake news*: apresentamos duas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS) cuja aplicação contribui para o desvelamento das atitudes codificadas nos diminutivos (PINHEIRO, 2020) e nos modalizadores (CARDOSO, 2020).

Os diminutivos no português

O diminutivo se refere ao processo gramatical pelo qual as palavras passam a ter uma significação diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais. Geralmente, os sufixos mais usados para construir os diminutivos no português são [x-inho] e [x-zinho]. Há duas maneiras de produzir os diminutivos: (i) a sintética – acrescenta o sufixo logo após a palavra (casa/casinha; homem/homenzinho); (ii) ou a analítica – consiste no emprego de alguma palavra que indique diminuição junto ao nome (casa pequena; homem pequeno).

Entretanto, além da expressão da noção de tamanho, os diminutivos também podem indicar o nosso desprezo, a crítica, o desdém por certos objetos e pessoas. É o que na gramática normativa Bechara (2009) chama de diminutivos afetivos. O diminutivo é usado com muitas funções e sentidos, tanto de forma pejorativa quanto apreciativa, depreciativa, atenuativa ou intensiva (SILVA, 2006). Há uma grande variabilidade de sentidos, não só no português, como em outras línguas, a exemplo do espanhol (ALONSO, 1951).

Nas gramáticas do português, o diminutivo é apresentado de diversas maneiras. Cunha e Cintra (1985) descrevem o diminutivo com ideia de redução ou diminuição, mas já inserem o sentido da forma diminutiva carregada de atenuação ou valorização afetiva (elezinho é um encanto, o nenê está dormindinho). Também, a possibilidade de cristalização de um sentido aparece nas gramáticas (folhinha - referência a calendário).

Rocha Lima (1992), na seção dos substantivos em sua gramática, apresenta duas espécies de gradação: os diminutivos que apresentam uma gradação dimensiva, indicando aumento ou diminuição de tamanho a determinado ser; e gradação intensiva, aqui, somente para os adjetivos, apresentando intensidade maior ou menor para determinada propriedade.

O diminutivo pode também expressar valores emotivos, tanto de forma positiva como forma negativa:

A avaliação expressa pelo diminutivo é de natureza acentuadamente afetiva. Como avaliação positiva, o diminutivo é manifestação de carinho, ternura, amor, simpatia/antipatia, não só para as pessoas, onde se especializa na formação dos hipocorísticos, mas também em relação a outros seres animados e a coisas da esfera íntima das pessoas (SILVA, 2006, p. 490).

Os diminutivos podem expressar compaixão, atenuar ou eufemizar situações. Também podem expressar carinho ou ternura. Mas também podem indicar usos depreciativos, tanto de forma positiva como de forma negativa. Por exemplo, podem

apreciar o que é saboroso (peixinho, franguinho, bifinho, o que é bonito (olhinhos, corpinho), como também podem expressar uma manifestação de desprezo (feiazinha), expressar um julgamento discriminatório e xenófobo (negrinho, povinho, viadinho) ou indicar ironia ou sarcasmo (engraçadinho, gracinha).

Também, há casos que o mesmo diminutivo pode expressar a ideia de carinho como desprezo: por exemplo, “coisinha” tanto pode significar um determinado objeto bonito, amável; como também objeto de pouco valor (SILVA, 2006). Como evidenciamos, o diminutivo no português “está associado a diferentes valores semânticos, frequentemente condicionados pelo significado da forma da base, pelo contexto sintático onde ocorrem, por fatores de ordem pragmática” (VILLALVA, 2000, p. 313). Os nomes auxiliados com os sufixos diminutivos modificam a interpretação semântica da base, caracterizando a sua dimensão ou valorizando e depreciando determinadas condições: as situações podem ser subjetivas (envolvendo a subjetividade dos falantes – carinho, amor, educação, entre outros), valorativas (expressa um julgamento de valor – seja positivo ou negativo) ou diminutivas (denotação de tamanho reduzido) (ROCHA, 1998). Nota-se, com isso, que é preciso acionar outras pistas, sem ser necessariamente linguísticas, para entender o sentido. É por isso que, apenas observando o diminutivo, não podemos concluir nada além de “coisa pequena”.

No dia 24 de março de 2020, diante da pandemia do COVID-19, o presidente proferiu o primeiro pronunciamento em cadeia nacional referente ao tema do coronavírus. No discurso, criticou o fechamento de escolas e comércios como também comparou a COVID-19 a uma *gripezinha* e *resfriadinho*. Segue o trecho do pronunciamento do presidente e a imagem capturada no momento da produção dos diminutivos:

[...] no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma *gripezinha* ou *resfriadinho*, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão [...] (BOLSONARO, 24 de março de 2020, pronunciamento em rede nacional, grifo nosso).

Ao escolher no seu discurso a manipulação dos itens linguísticos *gripezinha* e *resfriadinho* em vez de “gripe” e “resfriado”, o presidente diminuiu a pandemia que o mundo passa perante toda a nação brasileira, julgando negativamente a doença do COVID-19. Também diminuiu toda a população de forma negativa ao se colocar em uma posição de superioridade em relação a tudo e a todos. E, essa construção de

sentido, pode ser compreendida porque os diminutivos *gripezinha* e *resfriadinho* acomodam no discurso “emoções/sentimentos, sensações, enfim, sentidos contrários dentro da mesma categoria” (SILVA, 2006, p. 493).

No conjunto de frames das figuras 3 e 4, observamos que a primeira sequência corresponde à realização de *gri - pe - zinha* e a segunda corresponde a realização de *res - fri - a - dinho*. Os diminutivos, no português, estão associados a pistas de emotividade ao serem combinados com sua base primitiva: gripe + zinha e resfriado + inho. E essas pistas, muitas vezes, são evidenciadas pelas expressões faciais.



Figura 3: Frames do momento da produção de “gripezinha” no pronunciamento de 24/03/2020
Fonte: Elaboração própria.



Figura 4: frames do momento da produção de “resfriadinho” no pronunciamento de 24/03/2020.
Fonte: Elaboração própria

Nos frames correspondentes às realizações dos diminutivos, a identificação das emoções pode acontecer por meio do reconhecimento da fisiologia da face. Ekman (1999), em estudo com julgamento de frases isoladas, ressalta que as expressões de

emoção oferecem informações tanto sobre contexto que o antecede quanto do que sucedem e indica que as expressões de raiva, medo, nojo, desprezo, surpresa, desgosto e alegria são reconhecidas mais facilmente diante do julgamento dos movimentos do que outras emoções.

Na sequência de frames 3, a expressão facial do presidente para *gripezinha* é uma pista paralinguística que sugere o julgamento para o diminutivo é de desprezo, pois sua expressão facial corresponde à nojo (franzimento do nariz, rebaixamento das sombrancelhas e erguimento das pálpebras inferiores). Na sequência de frames 4, a expressão facial do presidente para *resfriadinho* é uma pista que sugere julgamento de ironia, pois a fisiologia da face corresponde a uma expressão de deboche (franzimento do nariz, rebaixamento das sombrancelha e um leve erguimento do músculo zigomático maior que vai do canto dos lábios até o início das bochechas, resultando num leve sorriso).

As expressões faciais são pistas que servem para externar a reação do presidente mediante o momento de pandemia do COVID-19. A reação emocional acontece porque é imbricado nela o processo de avaliação, bastante complexo, mas muito rápido. Cada emoção tem características únicas: são sinais do organismo, têm fisiologia própria e eventos antecedentes. Mas também, compartilham características em comum: tem início rápido e de curta duração e a avaliação é automática (SHACHTER; SINGER, 1962; EKMAN, 1992; SCHERER, 2005).

No tópico discursivo referente aos diminutivos, ele diz que a população brasileira deve seguir as orientações do Ministério da Saúde. Mas ele, enquanto presidente, não. Se ele pegar, será uma *gripezinha* ou *resfriadinho*. Logo, percebemos que o presidente diminui consideravelmente a gravidade da situação global, diminui todos os esforços que a população médica vem fazendo no mundo e se coloca acima da doença e da pandemia.

Pelas pistas associadas ao diminutivo (o tópico discursivo e as expressões faciais), observamos que o diminutivo é um item linguístico no qual atende à intenção comunicativa do presidente e demarca a sua atitude de descomprometimento perante a situação global da pandemia. O presidente tem uma atitude de ironia/sarcasmo em relação à doença, expressa uma avaliação com um grau de posicionamento negativo e assume uma posição contrária em relação aos órgãos técnicos e certificados diante do assunto da saúde.

As atitudes expressas pelo presidente são fortemente mantidas e são resultados da resistência à mudança. De acordo com Boninger, Berent e Krosnick (1995), as atitudes mais fortemente mantidas são: (i) as que afetam diretamente os interesses pessoais; (ii) relacionadas aos valores filosóficos, políticos e religiosos; (iii) e referentes à identidade grupal, à família e aos amigos próximos.

Consequentemente, o uso dos itens linguísticos *resfriadinho* e *gripezinha* também impacta na área das ciências da saúde no que tange aos conceitos das doenças virais da gripe, resfriado e COVID-19. Ao comparar a pandemia a uma gripe ou um resfriado, indica que são a mesma coisa. E não são. De acordo com o Ministério da Saúde (2020), embora essas doenças se assemelhem em muitos sintomas, elas apresentam algumas diferenças. Por isso, em março de 2020, o Ministério da Saúde apresentou uma cartilha para tirar as dúvidas da população brasileira sobre a nova doença (Figura 5).

Sintomas	Coronavírus Os sintomas vão de leves a severos	Resfriado Início gradual dos sintomas	Gripe Início repentino dos sintomas
 Febre	Comum	Raro	Comum
 Cansaço	Às vezes	Às vezes	Comum
 Tosse	Comum (geralmente seca)	Leve	Comum (geralmente seca)
 Espirros	Raro	Comum	Raro
 Dores no corpo e mal-estar	Às vezes	Comum	Comum
 Coriza ou nariz entupido	Raro	Comum	Às vezes
 Dor de garganta	Às vezes	Comum	Às vezes
 Diarreia	Raro	Raro	Às vezes, em crianças
 Dor de cabeça	Às vezes	Raro	Comum
 Falta de ar	Às vezes	Raro	Raro

Figura 5: Cartilha de diferenças entre COVID-19, gripe e resfriado
Fonte: BRASIL (2020).

COVID-19, gripe e resfriado são três doenças que afetam o trato respiratório, mas são causadas por agentes diferentes. A COVID-19 é causada pelo vírus SARS-

CoV-2 pertencente à família do coronavírus. O período de incubação é de cerca de 14 dias. Os principais sintomas são febre, tosse seca e dificuldade respiratória. Já a gripe (influenza) é uma doença que afeta o trato respiratório e é causada por vírus da família *Orthomyxoviridae* da qual fazem parte os vírus influenza A, B e C. O período de incubação de 1 a 4 dias. Os principais sintomas são febre, dor de garganta, coriza, dor de cabeça, tosse, fadiga, mal-estar e calafrios. O resfriado é uma infecção que afeta as vias áreas superiores, sendo causado por vírus, principalmente os rinovírus. É importante destacar que, entre os causadores de resfriado, não está o SARS-CoV-2. O período de incubação varia de um a nove dias. Os principais sintomas são coriza e obstrução nasal (BRASIL, 2020). Ao referir-se como “gripezinha” ou “resfriadinho”, a relação entre o conteúdo expresso pela política pública para a saúde e pela mensagem do dirigente da nação é dissonante, o que gera efeito nas atitudes da população brasileira: a quem devemos obedecer?

Modalizadores parentéticos epistêmicos como indicadores de certeza ou incerteza

A expressão dos julgamentos e atitudes dos falantes perante o conteúdo proposicional de na língua é codificada no domínio funcional da modalidade, que gramaticaliza atitudes e opiniões subjetivas dos falantes em duas direções: a orientada para o agente (*agent-oriented*), orientada para o falante (*speaker-oriented*) (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994). Esta última, conhecida como modalização epistêmica, se refere às asserções proferidas pelos falantes: indica o quanto eles estão comprometidos com o conteúdo da proposição, em termos de certeza e incerteza; também com base em suas experiência, e pode expressar (BYBEE; PERKINS, PAGLIUCA, 1994, p. 179):

- Possibilidade: o falante, a partir de conhecimentos pessoais, julga se a proposição é verdadeira;
- Probabilidade: indica grande chance da proposição ser verdadeira;
- Certeza inferida: implica que o falante tem fortes razões para supor que a proposição é verdadeira.

O julgamento do conteúdo proposicional no português brasileiro é realizado por meio das inferências dos falantes, com base em seus conhecimentos acerca do que foi dito, associado aos modalizadores. Por serem decorrentes de processo de mudança semântica, uma mesma construção pode indicar mais de um sentido. É o caso de *acho*

que.⁷ Em uma frase como “*Acho que* a crise causada pelo coronavírus vai ter grande impacto sobre a população”, *acho que* pode ser parafraseada por:

a) *Com certeza* a crise causada pelo coronavírus vai ter grande impacto sobre a população;

b) *Talvez* a crise causada pelo coronavírus tenha grande impacto sobre a população.

A construção *acho que* indica julgamentos de opinião/certeza e posiciona os falantes em relação aos conteúdos proposicionais. Além disso, não modifica as sentenças que lhes sucedem. Por isso, são caracterizadas como modalizadoras parentéticas epistêmicas, porque “não complementam ou modificam um outro elemento dentro da frase. Na realidade, interagem com a força assertiva da frase em que ocorre, pois os parentéticos epistêmicos possuem propriedades modais-epistêmicas, relacionadas à codificação da atitude do falante.” (FREITAG, 2007, p. 84).

As construções modalizadoras parentéticas epistêmicas como *acho que* são resultado da gramaticalização. Para Traugott e Dasher (2004), esse processo é impulsionado pela mudança semântica por meio da expansão conceitual sofrida do mais concreto ao mais abstrato. A expansão ocorre do ponto de vista do falante. Por isso, uma das suas consequências é o desenvolvimento de marcas de subjetivação, a partir das quais é possível indicar os julgamentos de quem fala. Uma das consequências deste processo é a polissemia, que gera ambiguidade.

Mas como sabemos se é certeza ou incerteza? As inferências pragmáticas, que são feitas em um contexto específico, são essenciais para a desambiguação dos sentidos de opinião/certeza e incerteza que *acho que* pode assumir.

⁷ A construção *acho que* é resultado de processos de mudança semântica e gramaticalização. *Achar* vem da forma latina *affare*, típica do vocabulário dos caçadores, que significava soprar. Ao longo das mudanças que sofreu, de soprar passou a significar sentir a proximidade da caça pelo odor; arejar e, posteriormente, descobrir ou encontrar a caça. Nesse percurso, de verbo intransitivo, *achar* torna-se transitivo e passa a selecionar um objeto direto, como em “achar o urso”. Seguindo o processo de mudança semântica, *achar* deixa de indicar algo concreto, ou seja, a caça. Junto a *que*, forma a construção *acho que* (CUNHA; OLIVEIRA; VOTRE, 1999). Nesse percurso, de verbo intransitivo, *achar* torna-se transitivo e passa a selecionar um objeto direto. Seguindo o processo de mudança semântica, *achar* deixa de indicar algo concreto, ou seja, a caça. Junto a *que*, forma a construção *acho que*. Essa construção passa por um ajuste conceitual, e passa a indicar opinião/certeza ou incerteza, que são formadas por um processo cognitivo. Como consequência, *acho que* passa a selecionar complementos oracionais de sentidos mais abstratos, que expressam a atitude dos falantes em relação a um objeto (GALVÃO, 1999; FREITAG, 2003; 2007).

Mas pode ser que a covid-19 não seja a pandemia mais grave a atingir a humanidade nos próximos anos. "Acho que a pandemia do novo coronavírus está mais para um ensaio geral da *big one* (a maior, ou a grande pandemia), essa sim uma pandemia que pode matar bilhões", diz Eduardo Massad.

Figura 6: opinião de Eduardo Massad sobre a pandemia do coronavírus
Fonte: (MANIR, 2020, p. 1).

No excerto da Figura 6, na linha 2, *acho que* introduz a proposição “o novo coronavírus está mais para um ensaio geral da *big one*” (MANIR, 2020, p. 1). Nesse contexto, a referida construção posiciona não só Eduardo Massad como toda a humanidade em uma situação de incerteza e medo em relação à sua sobrevivência. Retomando a proposição da Figura 2, e comparando com a da Figura 5, observamos que o mesmo recurso gramatical, o modalizador *acho que*, indica julgamentos e posições distintos: na Figura 2, uma autoridade jurídica demonstra uma atitude de desprezo às consequências que uma parcela específica da população pode sofrer em decorrência da crise causada pelo coronavírus; Na figura 6, um cientista que demonstra incerteza e apreensão quanto ao futuro. Na figura 6, *acho que* poderia ser substituída por *talvez* sem que houvesse nenhum prejuízo para a compreensão do que foi dito. Na figura 2, a substituição por *com certeza* teria o mesmo efeito.

Sobre aqueles que minimizam a situação, a aposentada dá um recado: “Estamos no mesmo barco planetário. Eu sou idosa, mas acho que alguns jovens, dependendo da educação recebida, estão mais conscientes que podem representar um perigo para outros e se importar com seu semelhante. Infelizmente também já houve casos de jovens partirem”.

Figura 7: Recorte da reportagem “Idosos e coronavírus: quando a idade e a ameaça viral causam ansiedade e sofrimento”
Fonte: (TUCHLINSKI, 2020, p. 1).

No relato transcrito na matéria publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, na Figura 7, uma aposentada utiliza *acho que* para indicar sua opinião sobre a pandemia e qual seu julgamento sobre aqueles que minimizam a situação de crise sanitária.

Em três contextos distintos, o uso de *acho que* por pessoas que assumem posições e atitudes distintas evidencia não somente diferenças semânticas, como

também sociais. De um lado, há autoridades que estão certos sobre as possíveis consequências sobre a vida de terceiros; de outro, há uma cidadã que se preocupa consigo e se compadece pelos que morreram em decorrência da doença causada pelo coronavírus, de modo a indicar atitudes relacionadas não só a interesses pessoais, como também à identidade grupal (BONINGER; KROSNICK; BERENT, 1995) e às pessoas em geral. Uma mesma forma linguística assume diferentes valores a depender do contexto, expressando diferentes atitudes. A compreensão das intenções comunicativas depende de um repertório diversificado que vai além das prescrições da gramática normativa, que sequer são aplicáveis a *acho que*⁸. A codificação das atitudes dos falantes frente ao conteúdo proposicional ainda é pouco sistematizada no português brasileiro, e essa ausência de sistematização pode funcionar como subsídio para descomprometimentos, o que, neste contexto de pandemia, leva ao caos e ao agravamento da crise.

A manipulação linguística e os efeitos da crise

Demonstramos que o uso dos diminutivos e dos modalizadores epistêmicos são pistas linguísticas da ambiguidade de atitudes e descomprometimento neste tempo de crise. No entanto, outros recursos linguísticos compõem este quadro, e são apreendidos pela consciência coletiva, como representado na figura 8, em que as frases ditas pelo presidente são alinhadas ao percurso temporal e evolutivo da pandemia no Brasil.

⁸ Apenas a gramática descritiva de Castilho (2010) considera modalizadores do tipo *acho que*.

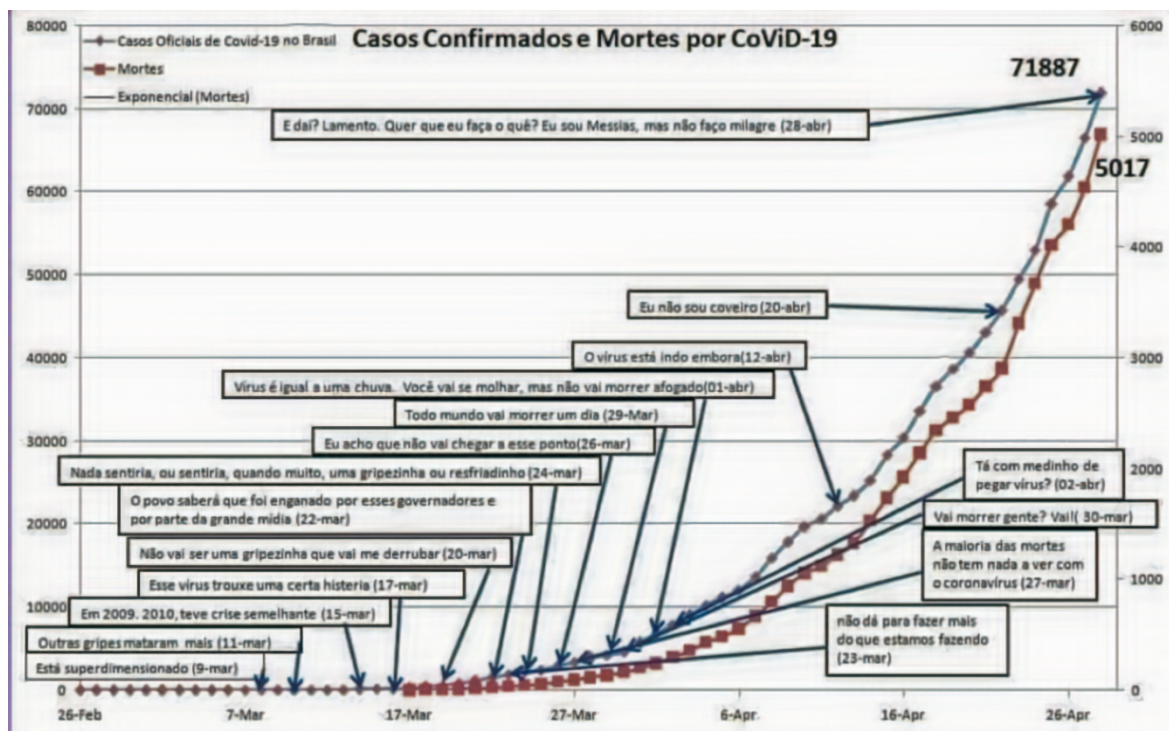


Figura 8: Usos linguísticos e agravamento da crise
Fonte: (LIRA, 2020, p. 1).

A construção linguística do cenário pandêmico no Brasil é pautada pela comparação de inferioridade (“Outras mataram mais”), e, com o agravamento da crise, igualdade (“crise semelhante”), pela minimização – seja pela restrição (“certa histeria”), seja pelo sistemático uso de diminutivos (“gripezinha”, “resfriadinho”, “medinho”)⁹ –, e expressão da opinião, com modalizadores (“Eu acho que não vai chegar a esse ponto”).

Mas a mais forte e recorrente estratégia é a negação: “Não vai ser uma gripezinha”, “Nada sentiria”, “Eu acho que não vai chegar a esse ponto”, “Não vai morrer”, “Eu não sou coveiro”, “Não dá pra fazer mais do que estamos fazendo”. A negação é a modalidade oposta da asserção no quadrado das oposições da lógica aristotélica: a afirmação universal (certeza) se opõe a negação existencial, codificada na gramática pelos recursos de negação (GIVÓN, 1993). Ao inserir perguntas semiretóricas e retóricas, como “Vai morrer gente? Vai”, “E daí?”, “Tá com medinho?”, a estratégia de descomprometimento é intensificada, com a negociação de responsabilidades na troca de turnos (FREITAG, 2010).

⁹ Em uma perspectiva sociolinguística, estudos descritivos do português brasileiro apontam que o uso de diminutivos é associado a mulheres e a gays (MENDES, 2010), com sentido afetivo, o que contrasta com o comportamento homofóbico do presidente (que costuma dizer que dá abraços hétero), e evidencia ainda mais o efeito depreciativo dos diminutivos empregados para se referir à pandemia.

O conjunto dos recursos linguísticos mobilizados leva à construção de um sentido negativo para a condução da nação perante a crise, estratégia semelhante à adotada por outros integrantes do governo (FREITAG *et al.*, 2020), com o uso da língua para a discriminação.

Conclusão

Ao explicitar a relação entre atitudes e usos linguísticos, a partir de fatos contextualizados na pandemia de COVID-19, esperamos contribuir para o desvelamento de posições e intenções comunicativas subjacentes às escolhas especialmente de construções linguísticas polissêmicas, cuja ambiguidade – intencional ou não – configura-se como uma estratégia de descomprometimento linguisticamente expresso perante às responsabilidades de governança da nação na crise. Por meio da análise de manchetes de jornais, figuras e relatos de cidadãos, demonstramos como o uso dos diminutivos *gripezinha* e *resfriadinho* indica o menosprezo, por parte do presidente da nação, aos efeitos da pandemia causada pelo coronavírus na população; e o modalizador epistêmico *acho que*, a incerteza dos brasileiros quanto aos riscos e consequências que a doença pode trazer para o país.

A análise dos itens linguísticos em destaque possibilita tanto a compreensão da sua constituição e uso, como das posições, atitudes e relações entre os falantes inseridos em um contexto social específico. Com isso, esperamos ter relevado a importância da descrição linguística para desvelar os mecanismos de expressão de crenças e atitudes no nível gramatical, destacando o papel das ciências humanas no combate à pandemia da COVID-19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, A. **Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos**. Madrid: Gredos, 1951.

ALLPORT, G. H. Attitudes. In: MURCHINSON, C. (ed.). **Handbook of Social Psychology**. Worcester, MA: Clark University Press, 1935 (p.119-157) .

BRASIL. **Tem dúvidas sobre o coronavírus? O Ministério da Saúde te responde**. Ministério da Saúde: Brasil, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/Ncdkp. Acesso 12 de jun de 2020.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONINGER, D. S.; BERENT, M. K.; KROSNICK, J. A. Origins of attitude importance: Self-interest, social identification, and value relevance. **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 68, n. 1, p. 61-80, 1995.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (ed.). **Modality in grammar and discourse**. John Benjamins Publishing, 1995.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, J. **Coronavírus: não acho que existe risco de rebelião, diz juiz da VEP sobre proibição de visitas em presídios do Rio**. O Globo, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/txLNP. Acesso em: 18 de mai. de 2020.

CHAIKEN, S.; WOOLK, W.; EAGLY, A. H. Principles of persuasion. In: HIGGINS, E. T.; KRUGLANSKI, A. W. (ed.). **Social psychology: Handbook of Basic Principles**. New York: Guilford, 1996 (p. 702-742).

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol. 15, n. 1, p. 01-22, 1999.

COWLING, J. ALI, S. T.; WYNG, T.; TSANG, T.; LI, J. C. M.; FONG, M. W. Impact assessment of non-pharmaceutical interventions against coronavirus disease 2019 and influenza in Hong Kong: an observational study. **The Lancet Public Health**, vol, 5, n. 5, p. 279-288, 2020.

DOOB, L. W. The behavior of attitudes. **Psychological review**, vol. 54, p. 135-156, 1947.

EKMAN, P. An argument for basic emotion. **Cognition and emotion**, London, vol. 6, n. 3-4, p. 169-200, 1992.

EKMAN, P. Basic Emotions. In: DALGLEISH, T.; POWER, T. (orgs.). **The Handbook of cognition and emotion**, Sussex: John Wiley & Sons, 1999 (p. 45-60).

FREITAG, R. M. K O papel da frequência de uso na gramaticalização de acho (que) e parece (que) marcadores de dúvida na fala de Florianópolis. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 7, n. 1 e 2, p.113-132, 2003.

FREITAG, R. M. K. É o que?: estratégia de interação ou sequenciação. **Estudos Linguísticos**, v. 39, n. 1, p. 157-166, 2010.

FREITAG, R. M. K. “Mudar para variar”, “variar para mudar” –tratando da variação e mudança de acho (que) e parece (que) parentéticos epistêmicos na fala de Florianópolis. **Fórum Linguístico**, v. 4, n. 1, p. 81-113, 2007.

FREITAG, R. M. K.; LIMA, M. E. O.; SILVA, L. S.; SOUZA, V. R. A. O uso da língua para a discriminação. **A Cor das Letras**, v. 21, n. 1, p. 185-207, 2020.

GIVÓN, T. **English grammar**: A function-based introduction. Amsterdam/New York: John Benjamins Publishing, 1993.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LIRA, L. **Gráfico que relaciona os casos de coronavírus no Brasil com falas de Bolsonaro viraliza no whatsapp**. UOL, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/befjD. Acesso em: 11 de Jun. de 2020.

MANIR, M. **Coronavírus pode ser só ‘ensaio’ de uma próxima grande pandemia**. BBC NEWS, 2020. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/geral-52389645. Acesso em: 18 de mai. de 2020.

MENDES, R. B. Diminutivos como Marcadores de Sexo/Gênero. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, p. 113-124, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatórios oficiais do Coronavírus (2019-nCoV)**. Rio de Janeiro, vol. 1. n. 21, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/diI14. Acesso em 12 de jun de 2020.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: University Press, 2004.

TUHLINSKI, C. **Idosos e coronavírus**: quando a idade e a ameaça viral causam ansiedade e Sofrimento. O Estado de São Paulo, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/fktDZ. Acesso 18 de mai. de 2020.

THURSTONE, L. L. The measurement of social attitudes. In: FISHBEIN, M. (org.). **Readings in Attitude Theory and Measurement**. New York: Wiley, 1931. p. 14-25

NEIVA, E.R.; MAURO, T.G. Atitudes e mudanças de atitudes. In: C.V.TORRES; E.R. NEIVA. **Psicologia social**: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011 (p.171-197).

RIO-TORTO, M. **Formação de palavras em português**: aspectos da construção de avaliativos. 1993. 992f. Tese (Doutoramento em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 1993.

ROCHA, L. C. de. **Estruturas Morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 32 e.d. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SCHACHTER, S.; SINGER, J. Cognitive, social, and physiological determinants of emotional state. **Psychological review**, vol. 69, n. 5, p. 379-399, 1962.

SCHERE, K. R. Expression of emotion in voice and music. **Journal of voice**, Philadelphia, vol. 9, n. 3, p. 235-248, 1995.

SILVA, A. S. A estrutura semântica do diminutivo em português. **Revista Portuguesa de Filologia**, Coimbra, vol. 25, n. 1, p. 485-509, 2006.

SKORGE, S. Os sufixos diminutivos no português. **Boletim de Filologia**, Lisboa, vol. 16, n. 1-2, p. 50-90, 1957.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas**: unidades e hierarquias nas palavras do português. Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Submetido em: 16/05/2020.

Aprovado em: 19/08/2020.

Como referenciar este artigo:

FREITAG, Raquel Meister Ko.; CARDOSO, Paloma Batista; PINHEIRO, Bruno Felipe Marques., Nome completo. Acho que é uma gripezinha: construções linguísticas como pistas de atitudes em tempos de pandemia. **revista Linguasagem**, São Carlos, v. 35, Número temático COVID-19. setembro/2020, p. 31-49.